

Aprender num espaço partilhado: Métodos mistos e novas formas de construir conhecimento. Um estudo na ESE P.Porto em contexto de pandemia

Susana Lopes¹

Paulo Delgado

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto
inED - Centro de Investigação e Inovação em Educação

Maria José Araújo

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto
CIPEM-INET-md - Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical

RESUMO

Neste texto, apresentamos um estudo exploratório, de natureza qualitativa, sobre os efeitos da pandemia COVID-19 nos processos de ensino e de aprendizagem, na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Averiguaram-se as perceções dos estudantes sobre o 1º trimestre 2020/2021, em parte caracterizado pelo ensino a distância EaD, sobre os processos de ensino e de aprendizagem. Foram passados questionários aos representantes dos estudantes dos cursos de licenciatura, mestrado e CTeSP. Os resultados apontam para a satisfação dos estudantes em relação às metodologias e estratégias adotadas pela instituição e ainda em relação à sua implicação na procura de soluções para os problemas que forem surgindo.

Palavras-chave: Ensino Superior; Educação a distância; Estudantes; Aprendizagem; Participação.

ABSTRACT

In this paper we present an exploratory study, of a qualitative nature, on the effects of the pandemic COVID19 in the teaching and learning processes, at Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. We tried to understand the students' perceptions about teaching and learning processes in first quarter 2020/2021, mainly characterized by EaD. Surveys were delivered on to representatives of the undergraduate, master's and CTeSP courses. The results point out to the students' satisfaction in relation to the methodologies and strategies adopted by the institution and also in relation to their involvement in the search for solutions to the problems that arise.

Keywords: Higher Education; Distance education; Students; Learning; Participation.

1. Introdução

O sistema de ensino superior (ES) tem sofrido nos últimos anos mudanças políticas, sociais e educativas que indicam uma democratização quantitativa - caracterizada pelo aumento da oferta educativa e diversificação regional e institucional -, mas essas mudanças não implicaram, necessariamente, uma democratização qualitativa - investimento e recursos que não ignorem a pluralidade dos diferentes atores (Mendes, Cardoso, & Ferreira, 2016). Apesar de haver cada vez mais estudantes a aceder a uma formação de nível superior, com o intuito de adquirir uma formação certificada, há também uma série de adaptações provenientes das

¹ Endereço de contacto: slopes@ese.ipp.pt

condições de financiamento e das inovações provocadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que alteraram a forma como pensamos e temos acesso à educação (Araújo & Diogo, 2015).

Aliado a estas circunstâncias, as instituições educativas foram confrontadas no ano letivo 2019/2020 com o confinamento provocado pela crise pandémica COVID19, que fez transitar atividades letivas para as plataformas digitais, em regime de ensino online. A passagem, em regime de emergência, de um ensino maioritariamente presencial para uma modalidade de Ensino a Distância (EaD), criou desafios, mas também constrangimentos nomeadamente no que diz respeito à integração, acompanhamento e avaliação dos estudantes (Carvalho & Pontes, 2020). Diferentes medidas foram postas em prática para proteger as pessoas contra a infeção e propagação do vírus, e embora possam ter sido necessárias tiveram efeitos colaterais. Por exemplo, o distanciamento social, a quarentena e o isolamento que obviamente levaram à diminuição da interação social e à diminuição das atividades educativas, culturais, sociais e econômicas (Wa-Mbaleka & Costa, 2020).

A forma como as instituições de ES responderam aos problemas levantados pela pandemia, aumentou a possibilidade de compreensão da importância de um ensino mediado pela Internet e pelos dispositivos eletrónicos, e valorizou o significado do EaD (Carvalho & Pontes, 2020). Neste texto fazemos uma reflexão sobre os efeitos da pandemia nos processos de ensino e de aprendizagem, no Ensino Superior Politécnico, mais especificamente na forma como os/as estudantes da Escola Superior de Educação (ESE), avaliam as suas perceções sobre o ensino e as aprendizagens neste contexto atípico.

2. Adequar os modelos ao perfil dos estudantes: formação apoiada na tecnologia

A sala de aula convencional deixou de ser o único contexto educativo para dar lugar a um espaço partilhado através da Internet, enquanto meio facilitador de aquisição de informação e construção de conhecimento, que permite novas formas de comunicar mais rápidas e mais flexíveis (Gordon, 2014). Trata-se de uma modalidade de trabalho pedagógico que coloca o aluno no centro da sua aprendizagem e exige novas competências profissionais para os docentes (Lencastre & Araújo, 2009). O uso da tecnologia educativa não é novidade no ensino, mas pode proporcionar novas formas de aprender, novas abordagens pedagógicas, novas relações de sociabilidade e diferentes formas de avaliação (Peres, 2019).

À medida que a tecnologia educativa avança, os métodos pelos quais os educadores mantêm os estudantes envolvidos, de forma síncrona e assíncrona, também melhora. Combinar as possibilidades de trabalho em ambiente presencial com os ambientes virtuais - *b-learning* - Bonk e Graham (2006), vai aumentar o grau de implicação e interesse dos estudantes, não só por serem nativos digitais e possuírem uma grande fluência digital, mas também porque constroem uma certa identidade de rede (nomeadamente pelo uso dos dispositivos móveis e acesso a atividades lúdico-expressivas), que lhes facilita a aprendizagem. Os repositórios abertos são um sinal da mudança dos sistemas de informação no qual participamos, como atores privilegiados, pela emergência das formas de organização do conhecimento em rede na Sociedade Digital (Dias, 2012), a que se junta um segundo aspeto que se prende com a necessidade de renovação do pensamento e prática pedagógica, decorrente dos desafios para a aprendizagem em rede (Dias, 2012).

Rosenberg (2006), observando a evolução das tecnologias de aprendizagem e a forma como os praticantes de *e-learning* evoluem, refere que muitos dos desafios que se colocam na educação online vão no sentido de se criar uma cultura da aprendizagem. Mas esta cultura da aprendizagem leva-nos inevitavelmente até à cultura do ensino. Acreditar que deixaremos de precisar do ensino presencial é um erro. A sala de aula presencial permite uma interação diferente da que experimentamos online, uma experiência de colaboração e criação. E mesmo que possamos do mesmo modo interagir online, estamos perante modalidades diferentes que se completam (Rosenberg, 2006). O processo de aprendizagem realizado nos ambientes online exige grande esforço, quer dos estudantes quer dos docentes, que têm de fazer um investimento cognitivo, científico, investigativo, técnico e simultaneamente um acompanhamento, mais prolongado e mais individualizado. Para Peres (2019), a distância entre o ensino presencial e o ensino online é cada vez menor. Os modelos e modalidades de trabalho pedagógico com recurso à tecnologia estão a crescer e vão-se consolidando à medida que vão proporcionando uma aprendizagem mais personalizada que atende aos objetivos de cada estudante, mas também dos professores, num compromisso mútuo de tornar a troca de conhecimento num processo formativo.

Rodrigues, Monteiro e Moreira (2013) centram-se nas dimensões pedagógicas para explicar que “as salas de aula virtuais têm sido utilizadas em diferentes contextos educativos, quer em regime de *e-learning* quer de *b-learning*, como principal meio de comunicação assíncrona” (Monteiro et al., 2014, p.4). Isto acontece porque muitos dos recursos e ferramentas disponíveis, se bem explorados, permitem compreender que se pode obter uma riqueza ao nível do trabalho pedagógico e uma dinâmica de interatividade que pode ser explorada como complemento das atividades desenvolvidas em outros ambientes de aprendizagem, seja de nível formal, não formal ou informal.

Fidalgo, Thormann, Kulyk e Lencastre (2020), analisando as perceções dos estudantes sobre a EaD, referem que os estudantes têm uma atitude positiva em relação a esta modalidade de ensino e a adesão a estes cursos prende-se sobretudo, com a flexibilidade de tempo e espaço: possibilidade de escolher o local onde vão aceder às aulas, o tempo de estudo e ainda o facto de poderem trabalhar ao seu próprio ritmo. O estudo destes autores aponta, para a preferência na modalidade de *b-learning*, por permitir uma combinação entre o ensino presencial e a distância.

Analisando as teorias e práticas desta modalidade, Peres e Pimenta (2011) referem necessidade de considerar os ambientes de aprendizagem: salas bem equipadas com computadores que tenham ligação estável à internet; duração das aulas; periodicidade e número de alunos. Outros aspetos a ter em consideração prendem-se com a avaliação, os conteúdos programáticos, metodologias de trabalho, recursos educativos (e-conteúdos), ferramentas tecnológicas, *webinars*, meios de comunicação *open learning* (MOOC) e trabalho colaborativo.

Na sala de aula virtual é preciso que os ambientes sejam agradáveis e fáceis de consultar, estejam bem construídos, sejam pensados e orientados para a autonomia dos estudantes. Neste sentido, é essencial ter em conta aspetos pedagógicos: relativos às estratégias de ensino e de aprendizagem pautadas por informações claras que respeitem as singularidades e culturas dos estudantes; aspetos tecnológicos: relativos ao acesso a computadores, programas, transmissão de dados, uso de recursos audiovisuais multimédia; aspetos organizacionais: planeamento da estrutura de ensino, apoio aos estudantes, processos síncronos e assíncronos que garantam que os estudantes se envolvam nas tarefas e tenham uma atitude de abertura e participação ativa (Lencastre & Araújo, 2009).

3. Método

3.1. Objetivo e questões de partida

Este estudo tem como objetivo compreender as perspetivas dos estudantes da ESE-P.Porto sobre os efeitos da pandemia COVID19 nos processos de ensino e de aprendizagem, no ES, nomeadamente na forma como os estudantes avaliam as suas perceções sobre o EaD. As questões de partida referem-se ao 1.º trimestre do ano letivo 2020/2021 e são:

- 1 – Quais os aspetos positivos dos processos de ensino e de aprendizagem no quadro de quatro dimensões: (i) metodologias de trabalho; (ii) relação pedagógica; (iii) implementação das recomendações da Direção Geral de Saúde (DGS); (iv) (re)organização institucional;
- 2 – Quais os aspetos negativos dos processos de ensino e de aprendizagem no quadro das dimensões acima identificadas?
- 3 – Quais as sugestões de melhoria em relação aos processos de ensino e de aprendizagem?

O processo descrito neste trabalho pode ser definido como participativo, uma vez que consubstancia uma possibilidade de tomar parte, voluntária e responsabilmente, nos processos de decisão em que os estudantes da ESE estão envolvidos e que podem influenciar ou para os quais pretendem contribuir de algum modo (Delgado, 2006).

Lundy (2007) destaca quatro elementos para uma participação efetiva na tomada de decisões, que incluem: (1) um espaço seguro, amigável, acessível e inclusivo para apoiar as opiniões dos participantes; (2) oportunidade de expressar as suas vozes; (3) o acesso a um público com poder de decisão e garantia de escuta; e (4) a verificação de que as suas vozes influenciam as decisões.

O trabalho de Bouma, Lopez, Knorth e Grietens (2018) considera a participação significativa como um processo contínuo ao longo do tempo. Os autores identificam três elementos para alcançar uma participação significativa na tomada de decisão: informar, ouvir e envolver. A participação nunca é uma conquista definitiva e irreversível, é um processo em construção permanente que não pode ser reservado para determinados momentos. É um modo de vida, não um ritual, que permite resolver ou amenizar a tensão que pode caracterizar a relação entre os atores da comunidade escolar (Bouma et al., 2018).

O elemento informar é visto como um pré-requisito para a participação e abrange áreas como o direito de participar, a origem e as etapas do processo e as possíveis consequências da tomada de decisão. Em segundo lugar, o elemento ouvir capacita e encoraja os participantes a expressarem livremente suas opiniões e contributos, reconhecendo a sua importância. Os alunos podem fornecer informações valiosas e possíveis soluções de sucesso (Bouma et al., 2018) que devem ser realmente ouvidas. Este é o pressuposto em que se baseia o pedido de preenchimento do questionário pelos representantes de estudantes (RE), que oferece os dados em análise neste estudo. O terceiro elemento - envolver - diz respeito à consideração das opiniões dos participantes na fase preparatória do processo, na forma como a decisão é tomada e na implementação da decisão. A participação requer a possibilidade de influenciar a decisão e é indissociável da avaliação de resultados, atitude reflexiva que possibilita a aprendizagem, nomeadamente quando se cometem erros e os resultados não são os desejados (Delgado, 2006).

3.2. Participantes

Neste estudo, de recorte qualitativo e exploratório, os dados foram recolhidos através de um questionário versão online *GoogleForms* aos representantes dos estudantes (RE) de cada ano/turma dirigido a todos os cursos Técnico Superior Profissional (CTeSP), de Licenciatura e de Mestrado da ESE IPP, no final de novembro de 2020.

Representante de estudantes (RE) é um cargo aprovado e proposto em 2018 pelo Conselho Pedagógico à Presidência da ESE, tendo sido instituído no ano letivo de 2018/2019, de modo a promover a participação dos estudantes na vida da Escola e a democratização do seu quotidiano. Com base neste entendimento, o RE pode desempenhar um papel facilitador no envolvimento ativo dos seus pares, especificamente no seu envolvimento nos processos de tomada de decisão relativos à governança da escola e do instituto a que pertencem; e na organização, dinamização e participação em atividades que convirjam para a construção de um sentido de identidade e de inclusão de toda a comunidade da ESE.

Cabe aos estudantes do respetivo ano de cada curso proceder à eleição, no início do ano letivo, do seu Representante. Uma das suas competências é estimular e organizar a reflexão dos estudantes da(s) turma(s) sobre as atividades curriculares e extracurriculares, de modo a contribuir para o bom funcionamento da(s) turma(s) e o sucesso académico dos estudantes, o que legitima e fundamenta a sua auscultação para a realização deste estudo.

Foram recolhidas 39 respostas, num universo de 57 representantes (68,4%). No total, participaram no estudo representantes de 18 anos/turmas de licenciatura (60% do total), representantes de 4 anos/turmas de CTeSP (66,6% do total) e representantes de 17 anos/turmas de mestrado (80,9% do total).

3.3. Procedimentos

Face aos objetivos deste trabalho foi elaborado um questionário com um reduzido número de questões, cujo conteúdo contemplou questões abertas relacionadas com a experiência vivida nos processos de ensino e de aprendizagem nos primeiros meses do ano letivo de 2020/2021, de setembro a novembro.

As questões eram as seguintes:

- O que está a correr bem?
- O que não está a correr bem?
- Sugestões de melhoria.
- Outras observações

3.4. Questões éticas

Quando foram contactados, por email, os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo, bem como das condições da sua participação. Neste sentido, foram garantidos o anonimato e a confidencialidade das respostas, bem como, explicitado o seu direito para aceder e retificar à informação fornecidas. Foi igualmente garantido o uso exclusivo dos dados para o presente estudo.

3.5. Tratamento dos dados

O material transcrito constituiu o corpus de análise, ao qual se aplicou a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) para simplificar os dados subjetivos correspondentes à opinião de trinta e nove representantes de estudantes, e atribuir sentido ao conteúdo dos seus discursos. Assim, os dados obtidos foram classificados em categorias para a análise. Estas categorias foram previamente estabelecidas com base nos objetivos do estudo que fundamentaram a elaboração do questionário. O processo de categorização iniciou-se pela leitura de todos os questionários com o propósito de verificar a concordância do discurso dos participantes com os temas estabelecidos à priori, e a tendência/padrões de discurso na organização de categorias e subcategorias. O discurso categorizado foi analisado, procurando examinar as semelhanças e diferenças na experiência vivida na fase inicial do ano letivo. Para além disso, foi contabilizada a frequência das referências dos participantes em cada categoria de análise.

4. Resultados

Os temas e categorias emergentes na produção discursiva dos participantes podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1. Sumário do procedimento de codificação

Categorias	Sub-Categorias
Metodologias de trabalho	Em sala de aula – regime presencial
	Em sala de aula – regime online
	Regime misto
Relação pedagógica	Comunicação e relacionamento
	Métodos pedagógicos
Implementação das recomendações da DGS	Utilização de máscaras
	Distanciamento social
	Higienização
(Re)Organização institucional	Gestão dos tempos/horários
	Equipamentos/ infraestruturas tecnológicas
	Espaço físico

4.1. Metodologias de trabalho

A adaptação das metodologias de trabalho ao novo contexto dos processos de ensino e de aprendizagem é reconhecida pelos RE, na sequência da experiência inicial desenvolvida no ano letivo anterior. São sete os RE que afirmam, genericamente, que decorre tudo como planeado e não têm nenhuma reclamação a apresentar até ao momento do preenchimento do questionário. Apresentam-se de seguida os resultados obtidos nas três subcategorias identificadas na análise dos dados.

Em sala de aula – regime presencial

A possibilidade de terem aulas em regime presencial é destacada por quatro RE, sejam aulas de tipologia teórica, prática ou no contexto de estágio. Esta opção é particularmente valorizada no contexto do mestrado.

No nosso curso até à data não tivemos aulas on-line. Poderei referir que os seminários (on-line) de orientação para a tese têm sido produtivos por se tratar de orientações individuais. Onde nos podemos focar nas dúvidas e dificuldades do mestrado e esclarecê-las rapidamente (Q22).

A unidade curricular de Prática Educativa Supervisionada, em particular a componente de Estágio que, apesar da situação atípica em que vivemos, se tem vindo a desenvolver positivamente, com qualidade e priorizando sempre o bem-estar de todos os intervenientes (Q38).

Um testemunho destaca as dificuldades e os desafios que estão associadas ao desenvolvimento do estágio, no âmbito da realização de projetos de Investigação Ação Participativa. Outro testemunho crítico aponta para um número significativo de aulas que estão a decorrer presencialmente e que poderiam ser evitadas e assistidas em casa.

Sei que temos que ter "X" aulas presenciais e outras "X" online, contudo as aulas para avaliação (principalmente as das expressões) estão a ser avaliadas por via online, o que não faz sentido uma vez que são unidades curriculares práticas. Outras U.C que são expositivas, ou seja, são aulas apenas de matéria poderiam ser lecionadas por casa estamos a ter presenciais, o que para nós não faz sentido (Q15).

Em sala de aula – regime online

A adaptação e bom funcionamento das aulas online, associadas ao bom desempenho das plataformas Domus e Moodle é referida por nove RE. Este reconhecimento integra dinâmicas em diferentes contextos e dimensões, nomeadamente trabalhos de grupo, aulas de diferentes tipologias, gestão dos tempos e dos temas abordados, métodos de avaliação e inclusive questões formais relacionadas com o contexto de pandemia.

(...) a turma considera que o formato de aulas online é o mais indicado, bem como a forma de avaliação definida. Até ao momento a sessões zoom estão a correr bem. A turma demonstra-se agradada com forma como os conteúdos estão a ser expostos pelos oradores, bem como com a pertinência dos temas abordados (Q27).

Realce ainda para a capacidade de adaptação dos docentes e discentes à utilização da plataforma Zoom e uma melhor gestão dos trabalhos e das tarefas exigidas, por contraponto com o sucedido na primeira fase da pandemia, de março a junho de 2020.

(...) os professores têm sido excelentes ao longo deste semestre e tanto os docentes como nós discentes já estamos muito mais adaptados a esta realidade, o que facilita o bom funcionamento destes métodos à distância (Q16).

Os professores terem mais conhecimento e utilizarem com mais confiança e melhor a plataforma zoom deixa de existir constrangimentos, perda de tempo e deixa de retirar o foco sobre a aula. Não sobrecarregarem os alunos com trabalhos quase todos os dias tem sido um alívio a nível psicológico (Q31).

Nos aspetos das aulas online que não estão a correr tão bem assinalam-se cinco excertos que remetem para falta de motivação ou concentração, dificuldades de participação, impossibilidade de realização de certas atividades práticas e excesso de carga de trabalho solicitado aos discentes.

O que não está a correr bem, são as aulas online, sinto que a vontade de participar e atenção sobre o conteúdo da aula baixam drasticamente (Q10).

Nas aulas online há menos aproveitamento e mais dificuldade de concentração. Com os devidos cuidados acho que as aulas deveriam ser todas presenciais (Q35).

Regime misto

A articulação entre aulas presenciais e online, com o recurso a dinâmicas adequadas, é igualmente referida nos inquéritos. Os RE sublinham a disponibilidade dos professores para esclarecer dúvidas e/ou marcação de atendimentos e o seu apelo constante à participação dos alunos durante as aulas. É possível concluir que o regime misto é flexível e adaptado às necessidades e evolução da situação, uma vez que a intercalação das aulas online e presenciais tem sido feita de forma suave e benéfica para os alunos/as.

(...) as aulas decorreram principalmente em regime presencial, o que foi positivo, dando uma sensação de normalidade (sempre com o cumprimento das regras de higiene e segurança), e permitindo a muitos de nós rever colegas e amigos; Com o decorrer das semanas e com o aumento do número de casos de infeção e aumento do risco de exposição ao vírus, as aulas passaram a ser principalmente em regime online, havendo no entanto um bom aproveitamento das mesmas (consegue-se dar a matéria, discuti-la em turma, somos capazes de realizar trabalhos de grupo através das plataformas digitais, etc.). Estamos mais protegidos face ao vírus (Q34).

As atividades síncronas (presenciais ou online), não são, todavia, isentas de críticas. Numa resposta afirma-se que os estudantes que estão a assistir à aula a partir de casa têm bastante dificuldade em conseguir ouvir e acompanhar o que é feito em simultâneo de forma presencial com a outra parte da turma.

Quando o regime de aulas é misto, há uma enorme dificuldade para as pessoas que estão online de acompanharem o trabalho desenvolvido em aula, visto que não conseguimos ouvir as dúvidas dos nossos colegas (que muitas vezes são as nossas) e o professor involuntariamente, salvo algumas exceções, acaba por se focar nos alunos que estão presentes (Q17).

4.2. Relação pedagógica

Comunicação e relacionamento

A relação pedagógica entre docentes e discentes é caracterizada de modo positivo por nove RE. As dificuldades de comunicação são mencionadas apenas por dois RE, um deles reportando para a articulação entre orientadores e mestrandos e outro para a falta de orientações no que toca à obrigatoriedade do uso da câmara nas aulas online.

Disponibilidade dos docentes, compreensão, cumplicidade, facilidade de comunicação e de contacto, são algumas das expressões utilizadas para descreverem a vontade de educadores e educandos para facilitar o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

A envolvimento e a disponibilidade do corpo docente. Espírito de grupo da turma (Q11).

Métodos pedagógicos

A disponibilidade para o atendimento aos alunos, dentro e fora das aulas, o ajustamento dos conteúdos e dos métodos em EaD e a valorização da opinião e participação dos estudantes são utilizadas para descrever a adaptação dos métodos pedagógicos ao novo contexto.

O que está a correr bem é a valorização que a participação e opinião do estudante têm, seja sobre o tema da aula seja sobre o funcionamento da mesma (Q10).

A relação próxima entre professores e alunas(os); a forma de expor os conteúdos; a partilha de experiências; a disponibilidade dos professores fora do horário de aula para responder às dúvidas das(os) alunas(os) (Q20).

Em contrapartida, uma resposta reporta opções metodológicas pouco ajustadas ao EaD.

Numa determinada Unidade Curricular, a metodologia adotada pelo docente não se fomenta em aprendizagens significativas para os alunos, tendo por base o ensino por transmissão (Q17).

4.3. Implementação das recomendações da DGS

A ESE iniciou o semestre com uma estrutura organizacional e funcional desenhada com base nas normas da DGS e pelo MCTES. Esta estrutura teve implicações na distribuição de serviço docente, na gestão dos espaços comuns, cantina, biblioteca e salas de aula, obrigando a novas formas de estar e viver a Escola.

Tais regras, repercutiram-se nos horários dos docentes e estudantes, no modo como a comunidade escolar permanece e circula nos diferentes espaços, na gestão do número de estudantes por turma, na implicação e responsabilização individual de toda a comunidade na higienização e arejamento das salas e dos equipamentos. Houve ainda a necessidade de adquirir equipamentos que garantissem o funcionamento de Unidades Curriculares no regime misto.

Utilização de máscaras

Ao longo do primeiro trimestre não foi registada por nenhum dos RE qualquer transgressão da obrigatoriedade de usar máscara, tendo apenas sido apontado por um representante que, apesar de não ser obrigatório o uso de máscara na realização de exercício físico, em algumas situações que não causem perturbação do desempenho do estudante, esta deveria ser uma prática corrente.

Nas aulas práticas, devia haver um melhor controlo da distância de segurança juntamente do uso de máscara em situações que não causam qualquer transtorno (Q 7.)

Distanciamento social

É enaltecido quer o cuidado na definição de percursos que ajudam a comunidade a manter distanciamento social, quando circulam nas zonas comuns, quer o desfasamento dos intervalos das turmas.

Os corredores bem sinalizados, intervalos com poucas pessoas e bem organizados nesse aspeto, existência recorrente de álcool gel/desinfetante de mesa/papel (Q19).

A criação de turnos veio possibilitar a redução do número de estudantes por sala, permitindo cumprir as regras da DGS. No entanto, também foi referido por dois RE que o incumprimento da frequência das aulas pelos estudantes no seu turno, inviabiliza a eficácia desta medida, colocando em risco ambos os turnos.

Existe alguma desorganização nas aulas teóricas que são divididas por turnos para garantir assim a segurança dos alunos pois os alunos vão a essas mesmas aulas sem ser apenas no dia em que o seu turno é presencial e requer, assim, unicamente a presença desse turno (Q7).

Apesar de os estudantes terem a perceção de que foram criadas regras para garantir o distanciamento social, dois RE referem o uso de metodologias, em algumas UC, que promovem dinâmicas entre os estudantes incompatíveis com as regras de distanciamento definidas pela DGS, nomeadamente quando se trata de trabalhos de grupo.

Dos únicos pontos que a turma tem a apontar, até à data, é o facto de, cremos que, dada a dimensão das turmas, não há um distanciamento indicado tendo em conta as normas da DGS (Q37).

Em grupo, torna-se difícil o contacto com as colegas (...) o distanciamento social pouco ou quase nada existe nestes momentos de trabalhos (Q15).

Higienização

Os excertos mostram que os estudantes consideram que as salas estão bem equipadas com materiais de higienização de mãos e de equipamentos, assim como estão garantidas as condições de arejamento e ventilação dos espaços. Não tendo sido reportadas situações problemáticas.

A nosso ver, as salas estão muito bem equipadas no que diz respeito a materiais de higienização da sala como a nível tecnológico (Q15).

4.4. (Re)Organização institucional: alguns aspetos

A instituição procurou reorganizar o seu funcionamento e garantir uma comunicação fluída entre docentes e estudantes, o que permitiu obter um equilíbrio entre as aulas presenciais e a distância.

Decorrente deste estudo parece ser possível dizer que sete RE reconhecem as medidas adotadas como o reflexo de uma estrutura institucional envolvida e implicada na resolução dos problemas levantados pela pandemia.

Relativamente aos aspetos positivos a destacar neste primeiro semestre, volto a reforçar a boa organização e gestão da escola a toda esta nova realidade que nos envolve (Q37).

Gestão dos tempos/horários

Quanto à gestão dos horários, os RE consideram que está a ser feita com coerência e em articulação com as necessidades dos docentes e discentes, respeitando as regras da DGS. Apesar disso, dois RE mencionam que em situações pontuais o tempo disponível entre as aulas presenciais e a distância é insuficiente para fazer a transição causando alguns constrangimentos.

Aulas online, visto que não existe tempo suficiente para chegar a casa e assistir as aulas (Q3).

Dois RE referem que a opinião dos estudantes se divide quanto à distribuição da carga horária das diferentes UC nas modalidades presencial e online. E cinco RE apontam como aspeto negativo a ausência de intervalo, referindo que a capacidade de concentração diminui se não forem sendo feitas pausas, principalmente online.

A gestão dos intervalos não está a ser feita da melhor forma, não sendo coerente esta gestão nas diferentes unidades curriculares (Q17).

Equipamentos/ infraestruturas tecnológicas

A necessidade de trabalhar num regime misto levou a ESE a investir em equipamentos e melhoramento das plataformas Moodle e Domus. Este investimento é referido pelos estudantes como preocupação institucional para criar melhores condições funcionamento das aulas.

Adaptação e bom funcionamento das aulas online. Desempenho das plataformas Domus e Moodle (Q39).

Houve uma boa e rápida adaptação por parte da escola à nova realidade, tendo a conciliação e intercalação das aulas on-line e presenciais sido feita de forma bastante suave e benéfica para os alunos/as (Q37).

No entanto, cinco RE mencionam dificuldades, principalmente ao nível do som captado nas aulas a distância.

Outra situação que consideramos correr menos bem são as aulas mistas pois quem está a assistir à aula a partir de casa tem bastante dificuldade em conseguir ouvir e acompanhar tudo aquilo que é feito em simultâneo de forma presencial com a outra parte da turma (Q16).

Espaço físico

As restrições criadas ao nível da utilização e vivência do espaço estão em consonância com as orientações feitas pela DGS. Contudo, quatro RE apontam alguns constrangimentos sentidos pela inexistência de espaços para refeições e estudo, principalmente pelos estudantes que, têm que permanecer por períodos mais prolongados na escola.

A inexistência de locais de estudo/bar torna difícil e mais acumulação de pessoas nos mesmos locais em horas de almoço/tempos livres (Q1).

5. Considerações finais

A primeira conclusão a retirar é a importância da participação na tomada de decisão, num contexto específico, desconhecido e particularmente exigente. Os dados recolhidos permitem verificar que a cumplicidade, a disponibilidade e o espírito de trabalho e de ajuda entre estudantes e entre estudantes e docentes que caracteriza a relação pedagógica assenta no envolvimento de todos nas adaptações que foi necessário introduzir nos processos de ensino e de aprendizagem. O próprio questionário deste estudo é um sintoma da relevância da participação como metodologia de trabalho, pois constitui um espaço em que os RE apresentam um ponto de vista que deve ser tido em conta nas tomadas de decisão (Delgado, 2006).

De acordo com o modelo de Lundy (2007), garante-se deste modo aos estudantes a oportunidade de expressar as suas vozes e o acesso aos detentores do poder de decisão, os órgãos de gestão da escola, para

quem o estudo foi oportunamente enviado. Resta assegurar que as suas vozes são efetivamente escutadas influenciam as decisões. Isto é, não basta ouvir, capacitar e encorajar os participantes a expressarem livremente suas opiniões e contributos, é necessário considerar as opiniões dos participantes nas decisões a tomar e na implementação dessas decisões (Bouma et al., 2018).

Quanto às metodologias de trabalho, são diversos os aspetos que estão a correr bem, nomeadamente a divisão entre as aulas práticas, de cariz presencial, e as aulas teóricas ou teórico-práticas, na modalidade e-learning ou b-learning, através da Moodle. Esta organização potencia as dinâmicas de trabalho de grupo, os estágios, os seminários para orientação dos projetos e dissertações, e tem sido articulada com uma docência de qualidade reconhecida, na exposição de conteúdos, na pertinência dos temas, na partilha de experiências, na disponibilidade para responder a dúvidas, e numa melhor utilização da plataforma Zoom. Acresce que a exigência de tarefas aos alunos não é excessiva, ao contrário do que sucedeu no segundo semestre do ano letivo anterior.

Por outro lado, os estudantes assinalam várias dimensões que não estão a correr tão bem. Nas aulas presenciais, um sentimento de alguma insegurança, não obstante todas as medidas adotadas, dado o aumento do número de casos de contágio do COVID-19. No regime de aulas misto, assinalam-se as dificuldades para os estudantes que estão online de acompanharem o trabalho desenvolvido em aula, visto que não conseguem ouvir as dúvidas dos colegas, acabando o professor, involuntariamente, salvo algumas exceções, por se focar mais nos alunos que estão presentes. Realce também para a diminuição da participação e atenção sobre o conteúdo da aula e o registo de alguma desmotivação e maiores dificuldades de concentração. Registos que constituem sinais de alerta e desafios a que importa estar atento, assegurando uma prática que não replique online métodos e conteúdos que caracterizam normalmente as aulas presenciais, a adoção de metodologias participativas que envolvam os alunos no trabalho síncrono e autónomo, que promovam a inclusão de todos e de cada um, no trabalho conjunto.

Reptos que também são obviamente lançados aos estudantes. Oliveira et al. (2004) observam que os produtores da Internet são fundamentalmente os seus utilizadores. O acesso à Internet permite realizar tarefas com maior rapidez e nesse sentido, o/a estudante, enquanto produtor da Internet, adquire um novo estatuto, uma nova identidade: torna-se “aprendente” Perrenoud (1995). Contudo, a Internet nem sempre altera a forma como eles se posicionam perante o conhecimento e muitos encaram o acesso à informação como possibilidade de facilitar o trabalho escolar, para se dedicarem às atividades de lazer, que o acesso na Web lhes permite, em detrimento do investimento escolar.

Nas limitações que este estudo comporta, é de referir a impossibilidade de estabelecer limites estanques entre as categorias e subcategorias identificadas. Certos dados cruzam-se e relacionam-se com mais do que uma categoria ou subcategoria. Procurou-se, todavia, assegurar a melhor correspondência entre os excertos e as unidades definidas.

É importante reconhecer a impossibilidade de, nalgumas respostas, se ter a certeza se os RE tiveram o cuidado de recolher previamente a opinião coletiva da turma ou se exprimem apenas a sua opinião. Apesar do RE ser legítimo representante de cada turma, o estudo será mais significativo e cumprirá melhor a sua finalidade se o maior número possível de estudantes tiver sido envolvido na discussão e na partilha de experiências, o que em certas respostas não foi possível comprovar.

Pelo exposto e considerando a dimensão das mudanças que a pandemia provoca; a expectável consolidação das plataformas e recursos digitais com base nas experiências adquiridas pelos estudantes e professores; a iniciativa «Skills 4 pós-Covid – Competências para o futuro» promovida pela Direção Geral do Ensino Superior², em estreita articulação com a OCDE e os desafios à investigação neste novo cenário; consideramos fundamental continuar esta pesquisa aprofundando-a através de um estudo longitudinal.

² «Skills 4 pós-Covid – Competências para o futuro»

Referências

- Araújo, M. J., & Diogo, F. (2015). Estudar no Ensino Superior. A questão da igualdade de oportunidades de sucesso no ensino superior público. In *II Colóquio internacional de Ciências Sociais e da Educação*. Braga: Universidade do Minho, 939-947
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bonk, C., & Graham, C. (2006). *The handbook of blended learning: Global perspectives, local designs*. San Francisco: John Wiley & Sons, Inc.
- Bouma, H., López, M., Knorth, E., & Grietens, H. (2018). Meaningful participation for children in the Dutch child protection system: A critical analysis of relevant provisions in policy documents. *Child Abuse & Neglect*, 79, 279-292. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.02.016>
- Carvalho, C., & Pontes, A. (2020). *Algumas reflexões sobre o impacto da crise pandémica no Ensino Superior*. Lisboa: Observatório de Rankings Universitários – IST. Disponível em https://aepq.tecnico.ulisboa.pt/files/sites/22/algumas-reflexoes-sobre-o-impacto-da-crise-pandemica-no-ensino-superior_vfinal.pdf
- Clark, R., & Kwinn, A. (2007). *The new virtual classroom*. San Francisco: John Wiley & Sons, Inc. Pfeiffer.
- Delgado, P. (2006). *Os direitos da criança. Da participação à responsabilidade*. Porto: Profedições.
- Dias, P. (2012). Comunidades de educação e inovação na sociedade digital. *Educação, Formação & Tecnologias*, 5(2), 4-10.
- Fidalgo, P., Thormann, J., Kulyk, O., & Lencastre, J. A. (2020). Students' perceptions on distance education: A multinational study. *International Journal of Educational Technology in Higher Education*, 17-18, 1-18. SpringerOpen. Disponível em <https://doi.org/10.1186/s41239-020-00194-2>
- Gordon, N. A. (2014). *Flexible pedagogies technology enhanced learning*. University of Hull
- Huang, R. H., Liu, D. J., Tlili, A., Yang, J. F., Wang, H. H., et al. (2020). *Handbook on facilitating flexible learning during educational disruption: The Chinese experience in maintaining undisrupted learning in COVID-19 outbreak*. Beijing: Smart Learning Institute of Beijing Normal University.
- Leite, E., Lencastre, J. A., Silva, B. D., & Borges Neto, H. (2020). Learning style in a virtual environment: a study with elementary school teachers at in- service training. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-27. ISSN 2525-3409. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3790>
- Lencastre, J. A. & Araújo, M. J. (2009). Educação online: Uma introdução. *Proceedings of The Iask International Conferences - E-Activity and Learning Technologies & Intertic* (pp 306-312). Madrid: International Association for The Scientific Knowledge.
- Lundy, L. (2007). 'Voice' is not enough: conceptualizing Article 12 of the United Nations Convention on the Rights of the Child. *British Educational Research Journal*, 33(6), 927-942. DOI: 10.1080/01411920701657033.
- Mendes, N., Cardoso, F., & Ferreira, E. (2016). *Acesso ao Ensino Superior: Desafios para o Século XXI*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Oliveira et al (2004). *Comunicação, cultura e tecnologias de Educação*. Lisboa: Quimera Editores Lda.
- Peres, P. (2019). Tendências da Educação online – Ensino híbrido, curadoria, análise de dados, ambientes adaptativos. *A Pátria, Jornal da comunidade científica de língua portuguesa*. Disponível em: <https://apatria.org/educacao/tendencias-da-educacao-online-ensino-hibrido-curadoria-analise-de-dados-ambientes-adaptativos/>
- Peres, P., & Pimenta, P. (2011). *Teorias e práticas de b-learning*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Perrenoud, P. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, A, Monteiro, A., & Moreira, A. (2013). Dimensões pedagógicas da sala de aula virtual: teoria e prática. *Pedagogia no Ensino Superior*, 26, 3-24 Disponível <https://www.researchgate.net/publication/259759168>
- Rosenberg, M. (2006). *Beyond e-learning: Approaches and technologies to enhance organizational knowledge, learning and performance*. San Francisco: Pfeiffer.
- Wa-Mbaleka, S., & Costa, P. (2020). Qualitative research in the time of a disaster like COVID-19. *Revista Lusófona de Educação*, 48, 11-26. doi: 10.24140/issn.1645-7250.rle48.01